



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**

**CAMPUS I**

**CENTRO DE EDUCAÇÃO**

**CURSO DE PEDAGOGIA**

**JOSICLEIDE DA SILVA MATOS**

**A CULTURA DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: RESSIGNIFICANDO SABERES NA  
FORMAÇÃO DE LEITORES**

**CAMPINA GRANDE  
NOVEMBRO/2017**

**JOSICLEIDE DA SILVA MATOS**

**A CULTURA DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: RESSIGNIFICANDO SABERES NA  
FORMAÇÃO DE LEITORES**

Trabalho apresentado como exigência do Curso de Licenciatura em Pedagogia da UEPB-Universidade Estadual da Paraíba, para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Área de Concentração: Educação.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Nelsânia Batista da Silva.

**CAMPINA GRANDE- PB  
NOVEMBRO/2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do Trabalho de Conclusão de Curso.

M433c Matos, Josicleide da Silva.  
A cultura de contação de história: ressignificando saberes na formação de leitores [manuscrito] : / Josicleide da Silva Matos. - 2017  
47 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.

"Orientação : Prof. Dr. Nelsânia Batista da Silva, Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."

1. Contação de Histórias. 2. Formação de leitores. 3. Lúdico.

21. ed. CDD 372.24

JOSICLEIDE DA SILVA MATOS

A CULTURA DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: RESSIGNIFICANDO SABERES  
NA FORMAÇÃO DE LEITORES

Trabalho apresentado como exigência do Curso de  
Licenciatura em Pedagogia da UEPB-Universidade  
Estadual da Paraíba, para obtenção do título de  
Licenciada em Pedagogia.

Aprovada em: 29/11/2017.

**BANCA EXAMINADORA**

Nelsânica Batista da Silva

Profª. Drª. Nelsânica Batista da Silva (Orientador)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Kelli F. do Nascimento

Profª. Drª. Kelli Faustino do Nascimento

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Maria do Socorro Moura Montenegro

Profª. Drª. Maria do Socorro Moura Montenegro

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

## DEDICATÓRIA

Ao meu filho Jairo Matheus e ao meu esposo Jairo  
Manoel, torcedores da minha vitória.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, meu refúgio e minha fortaleza para que eu não desanimasse nas horas difíceis. Obrigada Deus!

À Profª. Drª. Nelsânia Batista da Silva, orientadora deste trabalho, que não mediu esforços, ensinamentos e dedicação para que eu obtivesse êxito na conquista desta vitória. Meu profundo agradecimento!

Ao meu filho Jairo Matheus e ao meu esposo Jairo Manoel, fontes da minha inspiração para concretização dos meus objetivos. Amo vocês!

Aos meus pais, em especial minha mãe Joselita, que sempre me apoiou e incentivou nos meus estudos, fazendo com que eu não desistisse dos meus sonhos. Meu muito obrigada Mãe!

“Porque há esperança para a árvore, pois, mesmo cortada, ainda se renoverá, e não cessarão os seus rebentos. Se envelhecer na terra a sua raiz, e no chão morrer o seu tronco, ao cheiro das águas brotará e dará ramos como a planta nova.”

(Jó 14: 7-)

## RESUMO

Este trabalho apresenta A Cultura de Contação de Histórias: Resignificando Saberes na Formação de Leitores. Definiu-se como objetivo geral, analisar como a cultura da contação de histórias contribui para a formação de leitores, de forma específica elegeu-se investigar como a contação de histórias é trabalhada no contexto escolar pelas professoras, a partir de experiências vivenciadas nas suas histórias de vida e verificar como essas contribuíram na constituição de suas subjetividades; observar como a contação de histórias interfere na imaginação e criatividade dos alunos e enfatizar que, a contação de histórias é uma cultura que existe desde os tempos mais remotos, como forma de compartilhar saberes de forma dinâmica para compreensão do mundo contemporâneo. A pesquisa foi desenvolvida a partir de uma metodologia qualitativa, numa perspectiva participante e teve como sujeitos professoras e contadoras de histórias das cidades de Remígio e Campina Grande- Paraíba. Para a coleta de dados utilizou-se de visitas, observações, conversas informais, participação em reuniões, eventos e entrevistas semiestruturadas, além de registros fotográficos e anotações. Como resultado da pesquisa, pode-se inferir que o mediador dessas narrativas precisa envolver os alunos e os demais ouvintes de forma lúdica e participativa nas histórias contadas, resignificando saberes, para que estes possam se relacionar com autonomia, com os livros e o cotidiano. Dessa forma, a partir dessa pesquisa pode-se demonstrar que a cultura de contação de história contribui para formação de leitores. De acordo com os dados, a experiência enraizada na história de vida, por meio dessa vivência, possibilita o resgate de uma prática ancestral que trabalha com narrativas orais, de forma menos técnica e mais prazerosa, significando dizer que o prazer, o lúdico e a sensibilidade são caminhos para a ampliação do universo da imaginação e criatividade, implicando na formação de leitores autônomos, capazes de ir além da codificação, voltando sua atenção para as possibilidades de criação e sentido para sua existência frente às questões e desafios da realidade. Com base nos estudos de Abramovich (2004); Bamberger(1987);Busatto(2007);Freire(2011),Vigotski(2014) e outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cultura; Contação de Histórias; Leitores.



## ABSTRACT

This work presents *The Culture of Storing Stories: Reignifying Knowledge in the Formation of Readers*. It was defined as a general objective, to analyze how the culture of storytelling contributes to the formation of readers, specifically chose to investigate how the storytelling is worked out in the school context by the teachers, from experiences lived in their stories and how they contributed to the constitution of their subjectivities; to observe how storytelling interferes with the imagination and creativity of students and to emphasize that storytelling is a culture that has existed since ancient times as a way of sharing knowledge dynamically to understand the contemporary world. The research was developed from a qualitative methodology, in a participant perspective and had as subjects teachers and storytellers from the cities of Remígio and Campina Grande-Paraíba. For data collection, visits, observations, informal conversations, participation in meetings, events and semi-structured interviews were used, as well as photographic records and annotations. As a result of the research, it can be inferred that the mediator of these narratives needs to involve the students and the other listeners in a playful and participative way in the stories told, resignifying knowledge, so that they can relate to autonomy, to books and daily life. Thus, from this research it can be demonstrated that the culture of storytelling contributes to the formation of readers. According to the data, the experience rooted in the history of life, through this experience, allows the rescue of an ancestral practice that works with oral narratives, in a less technical and more pleasurable way, meaning to say that pleasure, playfulness and sensibility are ways to expand the universe of imagination and creativity, implying the formation of autonomous readers, capable of going beyond codification, turning their attention to the possibilities of creation and meaning for their existence facing the issues and challenges of reality. Based on studies by Abramovich (2004); Bamberger (1987), Busatto (2007), Freire (2011), Vigotski (2014) and others.

**KEYWORDS:** Culture; Storytelling; Readers.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>09</b>
<b>1 REFLEXÕES SOBRE CULTURA E SABERES DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS</b>	<b>13</b>
<b>2 VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS COM CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS</b>	<b>18</b>
<b>2.1 Contação de histórias e leitura</b>	<b>21</b>
<b>2.2 A contação de histórias como prática pedagógica</b>	<b>23</b>
<b>3 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS</b>	<b>24</b>
<b>3.1 Vivências da contação de história como processo historicamente construído do universo da pesquisa e análise dos resultados</b>	<b>27</b>
<b>3.1.1 A cultura de contação de histórias</b>	<b>32</b>
<b>3.1.2 A contação de história na vida das professoras contadoras</b>	<b>33</b>
<b>3.1.3 Desenvolvimento do trabalho de contação de histórias</b>	<b>34</b>
<b>3.1.4 Histórias mais significativas nas vivências e práticas educativas</b>	<b>36</b>
<b>3.1.5 Quanto às implicações da cultura de contação de histórias traz para o desenvolvimento e compreensão do mundo que cerca a subjetividade do aluno</b>	<b>37</b>
<b>3.1.6 Relação entre contação de histórias e formação de leitores</b>	<b>39</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>40</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>42</b>
<b>ANEXO</b>	<b>45</b>

## INTRODUÇÃO

A sociedade atual apresenta uma diversidade de questões que comprometem o sujeito e desafiam o universo da educação, entre as quais, o analfabetismo, as injustiças, as desigualdades sociais, que afetam especialmente as pessoas oriundas das classes populares que apresentam dificuldades de acesso a cultura letrada, exigida pela sociedade contemporânea. A investigação dessas questões tem sido objeto de estudo em diversos campos do conhecimento, entretanto, o que mobilizou esta pesquisa é o fato de que historicamente a apropriação do conhecimento deixa lacunas profundas na vida dos sujeitos das classes populares.

Sendo assim, a educação só terá cumprido o seu compromisso social de acesso e criação cultural, numa perspectiva crítica e emancipadora, quando for capaz de despertar o gosto pela leitura. Todavia, tem sido um desafio instigar o gosto por essa prática, tendo vista o fascínio das novas tecnologias de comunicação, que vem ocupando um espaço preponderante no cotidiano das pessoas na contemporaneidade.

Nessa perspectiva, buscou-se investigar na cultura da arte de contar histórias nos povos ancestrais que contavam e encenavam histórias para difundirem seus rituais, mitos, conhecimentos acerca de realidades e fantasias, e sobre as experiências adquiridas pelo grupo ao longo do tempo. Além da comunicação oral e gestual, ao narrarem suas histórias, também, registravam nas paredes das cavernas, com desenhos e pinturas, suas experiências, fantasias, algumas delas vividas no cotidiano. A memória auditiva e a visual eram, então, essenciais para a aquisição e o armazenamento dos conhecimentos compartilhados.

“[...] Mas, falar em memória significa falar do encontro entre a memória e a tradição social efetuada pelo exercício da oralidade; significa também reavivar e atualizar a memória social de um povo, bem como abrir as vias de acesso a uma cultura autêntica do conto [...]” (GIORDANO, 2013.p.2)

Nessa compreensão, a transmissão oral é passada de geração para geração. Foi uma das invenções encontradas pelas comunidades para informar às gerações mais novas os seus saberes, valores e/ou crenças, isto é, aqueles saberes considerados imprescindíveis para a sobrevivência individual e grupal. Pode-se inferir que, o exercício de contar histórias é uma prática criada e valorizada tanto na escola como fora dela, contudo, vem sendo abandonada gradativamente. Com o desenvolvimento tecnológico e o surgimento de novas mídias, como a

televisão, o cinema e a internet, essa arte vem sendo praticamente suprimida dos encontros sociais.

A sociedade contemporânea tem priorizado o desenvolvimento tecnológico voltado para atender as necessidades do mercado, ou seja, o econômico tem decidido as pautas prioritárias a serem utilizadas dentro e fora da escola.

Entretanto, sabe-se que, os contadores ritualizam hábitos e costumes de uma comunidade, muitos deles com o intuito de constituir uma base “identitária”, isto é, compor a subjetividade de seu grupo. A prática de contação de histórias sustenta o equilíbrio do grupo, evitando, assim, sua desagregação. Desde os tempos mais remotos, em sua ação o contador fazia o que Mia Couto (2016) nos dias contemporâneos recomenda para os novos contadores:

[...] contar histórias não é simplesmente transmitir de alguma coisa que já está feita. No momento em que se conta a história a alguém, não há ali uma escuta mecânica, mas sim qualquer coisa que cria, sobretudo, a construção de uma relação entre pessoas e, obviamente, a máquina não pode fazer isso. (COUTO, p. 1, 2016).

Nesse sentido, o encontro de pessoas torna-se uma relação que fluem as sensações profundas, envolvendo cognições e emoções, alegria, raiva, tristeza ou medo, entre tantas outras possibilidades de vivenciar o que estava guardado, contido, que vem a tona pela palavra contada, expressa através do outro. Na contação de história há uma dimensão de criatividade humana peculiar daquele momento único, não é uma mera repetição de um conto ou de uma história, ocorre ali uma transformação singular na arte do contar. Existe uma presença que pode suscitar formas de pensar e agir, que pode contribuir para manter as raízes, tocar a emoção e a história do outro.

É possível perceber que a história tem o poder de transformar valores e concomitantemente vidas. Para tanto, a inserção de histórias na sala de aula precisa ser cultivada, por ser um mecanismo lúdico, viabilizador de relações interpessoais e, paralelamente, do hábito de leitura.

Sabendo-se que o hábito de leitura se reafirma através de um trabalho que envolve os alunos em práticas de leituras dinâmicas e prazerosas, é importante que, os professores resgatem a contação de histórias de modo a proporcionar prazer, lazer, emoções e valores.

Diante disso, pergunta-se: Como a Cultura de Contação de Histórias contribui para a formação de leitores?

Para tanto, definiu-se como objetivo geral analisar como a cultura da contação de histórias contribui para formação de leitores, de forma específica elegeu-se investigar como a

contação de histórias é trabalhada no contexto escolar pelas professoras, a partir de experiências vivenciadas nas suas histórias de vida e verificar como essas contribuíram na constituição de suas subjetividades; observar como a contação de histórias interfere na imaginação e criatividade dos alunos se enfatizar que, a contação de histórias é uma cultura que existe desde os tempos mais remotos, como forma de compartilhar saberes de forma dinâmica para compreensão do mundo contemporâneo. Segundo Aquino (2012, p. 64) “Desde que existe o primeiro homem na face da terra, o ser humano precisa contar suas emoções, seus sentimentos, seus feitos. E a partir do momento que o homem necessita se expressar contando sobre si, nasce o ato de narração oral de histórias.”

O caminho percorrido durante a pesquisa permitiu a organização deste trabalho em três seções: Na primeira seção, destacou-se **Reflexões Sobre Cultura** através das histórias e memórias dos antepassados, visto que a contação de histórias inscreve-se como uma forma de despertar a imaginação e a criatividade, instigando a compreensão do mundo a sua volta.

A segunda seção, **Vivências e Experiências com Contações de Histórias**, relata que o homem sempre buscou conhecimentos a partir de suas experiências e desafios diários, além disso, que o conhecimento da humanidade foi surgindo e sendo acumulado das experiências vividas no contexto social. Ademais, coloca em evidência que a arte de contar histórias aprimora o dom de usar a palavra. A história ao passar a sensação de se viver num mundo imaginário e satisfatório favorece a compreensão das coisas e, ao mesmo tempo desperta o gosto pela leitura. Um momento significativo acontece quando os contadores narram suas histórias, considerando que são cheias de ensinamentos e conhecimentos despertando nos ouvintes curiosidade, sensações, conforto, reflexões, transformações e a resolução de alguns problemas.

Na terceira seção são apresentadas as considerações metodológicas, o tipo de pesquisa, bem como, o instrumento utilizado para a coleta dos dados. A metodologia de pesquisa utilizada seguiu a perspectiva qualitativa, numa abordagem participante, tendo como sujeitos/objetos de pesquisa professoras/contadoras de histórias de escolas públicas, das cidades de Remígio e Campina Grande- Paraíba. Para coleta de dados utilizou-se de visitas, observações, conversas informais, participação em reuniões, eventos e entrevistas semiestruturadas, além de registros fotográficos e anotações. Como resultado da pesquisa, pode-se inferir que o mediador de contação deve envolver os alunos se os demais ouvintes de forma lúdica e participativa nas histórias contadas, ressignificando saberes, para que estes possam se relacionar com autonomia, com os livros e o cotidiano.

Por fim, realizou-se a análise dos dados da pesquisa, que ocorreu a partir de um confronto entre a realidade, as respostas dos sujeitos da pesquisa, fundamentos teóricos. Dessa forma, buscou-se elencar informações para que os profissionais da educação discutam possíveis alternativas para a construção de uma escola comprometida com a complexidade da cultura da oralidade e da leitura para a constituição de subjetividades na perspectiva de contribuir para formação de futuros leitores.

## 1 - REFLEXÕES SOBRE CULTURA E SABERES POR MEIO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

A sociedade contemporânea ao longo do tempo vem enfrentando questões de ordem social, econômica, política e ambiental, entre outros aspectos que constitui o desenvolvimento da humanidade. Neste sentido, para garantir às gerações atuais e futuras uma sociedade com uma perspectiva do bem viver é necessário cuidar de nossos semelhantes e do planeta.

Para Freire (2013, p. 126):

Nenhuma teoria da transformação político-social do mundo me comove, sequer, se não parte de uma compreensão do homem e da mulher enquanto seres fazedores da história e por ela feitos, seres da decisão, da ruptura, da opção.

Sendo assim, o acesso a compreensão crítica da realidade possibilita que o ser humano entenda a sua condição, dentro de um contexto construído historicamente, enquanto sujeitos inacabados e inconclusos (FREIRE, 1987, 2011) capazes de mudança ou de transformações: de manutenção das estruturas de poder vigente ou na perspectiva de emancipação humana, solidária objetivando a valorização da cultura do povo.

A humanidade reflete uma diversidade de aspectos sócio-culturais que remete a personalidade individual e coletiva de um povo. Segundo o pensamento de Laraia (2004) é preciso um olhar aos aspectos culturais e sociais das antigas e atuais gerações, mediante as transformações que sofrem as culturas humanas, visto que, o ser humano através da busca pelas suas necessidades, acaba interferido e modificando o meio ambiente, produzindo cultura e ao mesmo tempo se produzindo enquanto ser formador de cultura. Laraia (2004, p.45), menciona ainda, que “o homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridos pelas numerosas gerações que o antecederam.”

A cultura como produção humana e mentora da atual configuração das relações político-sociais tem sofrido profundas alterações, em decorrência dos meios de comunicação, das diversas formas de interação social e das variações culturais. Ao longo do processo das mudanças político-sociais dos agrupamentos sociais, surgiram e desenvolveram-se, ao mesmo tempo, as formas de comportamento e as ideologias que se traduzem nas manifestações culturais, como habitação, hábitos de convivência, papéis sociais, relações dos indivíduos

entre si, dos indivíduos com os diferentes grupos, dos grupos entre si e com o conjunto social, ritos religiosos, alimentação, trabalho e outras áreas. Essas mesmas atividades exerceram sobre a cultura uma ação recíproca. Surgiram as artes, a linguagem, os costumes, as leis, as religiões, as concepções filosóficas e ideológicas, em resumo, tudo o que integra uma cultura e identifica uma sociedade (LARAIA, 2004).

Nessa perspectiva, o que se observa acerca das questões sociais e políticas na sociedade contemporânea é uma renovação de paradigmas até então baseado nas sociedades antigas, por um novo modelo tecnológico. Essa nova forma de vida social, na qual as tecnologias começaram a se tornar comuns, influenciou fortemente a arte do contador tradicional. A mentalidade dominante no modelo de sociedade tecnológica difere sensivelmente da que predomina na sociedade tradicional. A força da tradição é substituída pela racionalidade e a valorização da instrução. Ou seja, a mentalidade tecnológica prefere a mudança, o progresso, em relação à permanência de costumes e valores.

Santos, (2008, p.45) diz que:

Cultura é um território bem atual das lutas sociais por um destino melhor. É uma realidade e uma concepção que precisam ser apropriadas em favor do progresso social e da liberdade, em favor da luta contra a exploração de uma parte da sociedade por outra, em favor da superação da opressão e da desigualdade.

Nessa compreensão, as sociedades modernas apresentam uma extrema divisão de trabalho. As profissões se especializam cada vez mais e uma forte competitividade atua como meio de seleção no mercado de trabalho. É a questão da valorização utilitária do tempo como um “produto” a ser usado para realizar atividades produtivas para a “sociedade”, ou seja, para atender aos ditames da indústria de produção de subjetividades. Da construção de uma sociedade que deve servir para produzir não histórias, mas serviços vendáveis, que gerem lucro. Em cada sociedade há uma hierarquia de valores materiais e não materiais que diferem segundo os grupos e de acordo com a importância que se atribui a cada um dos elementos que integram sua cultura.

Nessa compreensão, cultura inscreve-se como uma temática subjetiva, dada a muitas definições e repleta de possibilidades e/ou transformações.

Concordando com Peter Burke, o termo cultura é de igual modo, subjetivo, versátil. Burke fala de uma ampliação do conceito em tempos mais ou menos recentes. Escreve o historiador que até o século XVIII:



O termo cultura tendia a referir-se à arte, literatura e música (...) hoje, contudo, seguindo o exemplo dos antropólogos, os historiadores e outros usam o termo "cultura" muito mais amplamente, para referir-se a quase tudo que pode ser apreendido em uma dada sociedade, como comer, beber, andar, falar, silenciar e assim por diante (Burke, 1989:25).

No conceito de cultura mencionado por Burke (1989) é possível perceber uma tendência culturalista universal, ou seja, todos os povos possuem cultura, e pode-se ainda pensar como desdobramento desse raciocínio, que cultura é a transmissão de conhecimentos cultivados, através de palavras, gestos, costumes, ritos, histórias, tradições, e as mais diversas manifestações de um povo.

Neste contexto torna-se relevante, as discussões conceituais em torno de cultura feita por Laraia (2004): Cultura é um processo acumulativo de experiências ao longo do tempo, ou seja, toda experiência de um indivíduo é transmitida aos demais indivíduos de forma processual e, por conseguinte, havendo abertura para outras culturas, em virtude da capacidade humana de interagir com seus semelhantes.

Sendo assim, toda vivência e as experiências do ser humano são passadas de geração para geração e dessa forma, torna-se um processo acumulativo de cultura por meio da comunicação. Portanto, a sociedade, a família e a escola são espaços que favorecem a apropriação do conhecimento e, por conseguinte, de construção de cultura, a partir da comunicação, sendo a escola por excelência, um local privilegiado para promover cultura, em especial da contação de histórias, das tradições culturais, dos valores, crenças, memórias e experiências, dessa forma a cultura é um processo que agrega novos saberes, para sobrevivência dos indivíduos.

Nesse sentido, Santos (2008, p.7) diz: “Cultura é uma preocupação contemporânea, bem viva nos tempos atuais. É uma preocupação em entender os muitos caminhos que conduziram os grupos humanos às suas relações presentes e suas perspectivas de futuro.”

Nota-se que Santos se opõe ao conceito de cultura enquanto inclinação idealista, de quem a vê apenas como ligada ao campo dos valores, das crenças e memórias. Sua proposição de conceituação de cultura aponta para traços evolutivos da natureza humana, considerando que, todo humano tende à comunicação, à interação social e à vida em comunidade, logo, naturalmente, todos são culturais.

Santos reafirma:

Quero insistir na ideia de processo. Isso porque é comum que cultura seja pensada como algo parado, estático. Vejam o caso de eventos tradicionais, que por serem tradicionais podem convidar a serem vistos como imutáveis. Apesar de se repetirem ao longo do tempo e em vários lugares, não se pode

dizer que esses eventos sejam sempre a mesma coisa. (SANTOS, 2008, p. 47).

Com base nesse contexto, pode-se inferir que nada que é cultural é estanque. Assim, para se discutir cultura é necessário entender toda a riqueza cultural e as múltiplas formas de expressá-la, pois se sabe que existem complexos agrupamentos humanos com características que os diferenciam e que também os unem. É fundamental entender uma determinada realidade cultural a qual dá sentido aos indivíduos que nesta sociedade vive.

Todos os Povos têm cultura, por que trabalham, por que transformam o mundo e, ao transformá-lo se transformam. A dança do Povo é cultura. A música do Povo é cultura, como cultura é também a forma como o Povo cultiva a terra. Cultura é também a maneira que o Povo tem de andar, de sorrir, de falar, de cantar, enquanto trabalha. (FREIRE, 2011.p.89)

Desta forma, pensar a cultura exige compreender a sociedade e como os diversos grupos humanos interagem e se expressam numa determinada cultura.

Pinto afirma que, “A cultura é um produto do existir do homem, resulta de vida concreta no mundo que habita e das condições, principalmente sociais, em que é obrigado a passar a existência”. Pinto (1979, p. 135)

A partir deste teórico, o homem na sua atividade diária faz e/ou reproduz cultura e por isso, parece conveniente aprofundar esta reflexão. Com efeito, se a cultura é resultado da existência humana, tal existência será essencialmente proveitosa para a produção de cultura, quando o homem se colocar como mediador dos saberes na sua práxis social.

Tal fato ganha significado a partir dos saberes expressos por meio de contação de histórias, ato social e coletivo, que traz à tona as diferentes formas de como essa cultura vem sendo trabalhada na história.

A contação de histórias remonta a época do surgimento do homem há milhões de anos. Segundo Aquino “Desde que o existe o primeiro homem na face da Terra, o ser humano precisa contar suas emoções, seus sentimentos, seus feitos. E a partir do momento que o homem necessita se expressar, contando sobre si, nasce o ato de narração oral de histórias.” (AQUINO, 2012, p.64)

Logo, contar histórias constitui uma prática da cultura humana que antecede o desenvolvimento da escrita. Na cultura primitiva, saber ler, escrever e interpretar sinais da natureza era de grande importância, porque mais tarde iam se tornar registros pictográficos, com os quais seriam relatados fatos do cotidiano para os integrantes de um grupo.

Desse modo, o conto da tradição de transmissão oral era de grande importância, era a forma primitiva da arte de dizer. A tradição perpetuou essa narrativa como uma forma de ensinamentos para compreensão do mundo.

Na Idade Média, por exemplo, o contar histórias era considerado como algo soberano, capaz de “abrir as portas” em qualquer lugar que esteja, pois o ato de narrar histórias representava respeito social, e as tradições daquela época ( e de certa forma até os dias de hoje ) eram transmitidas oralmente e quem contava era visto como responsável pela tarefa de ensinar a ética e a moral de sua época por meio da oralidade. Pelo que se percebe, assim, oralidade e literatura possuem estreita relação. E embora associemos a literatura à palavra escrita, é a tradição oral que mantém viva as culturas dos mais diferentes povos. (AQUINO, 2012, p.64).

Sendo assim, a contação de histórias inscreve-se como um precioso auxílio à prática pedagógica por instigar a comunicação e troca de saberes e, paralelamente, a imaginação e a criatividade. Abramovich (2004, p.17), salienta que:

É através duma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica. É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula. Porque, se tiver, deixa de ser literatura, deixa de ser prazer e passa a ser Didática, que é outro departamento (não tão preocupado em abrir as portas da compreensão do mundo).

Considerando aspectos passíveis de serem alcançados pela atividade da contação de história, cabe ao mediador e a escola proporcionar situações agradáveis no ato da contação. Vigotski enfatiza a imaginação e a criatividade (2014, p. 10) “... essa atividade lúdica tem papel preparatório para o desenvolvimento do pensamento analítico, permanecendo ao longo da vida com o indivíduo”.

Nesta perspectiva, a contação de histórias além de pertencer ao campo da educação é uma atividade comunicativa. Por meio dela, os homens trocam saberes, repassam costumes, tradições e valores capazes de estimular a formação do cidadão. Por isso, contar histórias é saber criar um ambiente de encantamento, suspense, surpresa e emoção no qual o enredo e os personagens ganham vida, transformando tanto o narrador como o ouvinte, por impregnar todos os sentidos, tocando o coração e enriquecendo a leitura de mundo na trajetória de cada um. Nessa compreensão, Magalhães (2001, p.28) diz: “[...] o enredo precisa ser adequado à experiência da criança. O autor deve evitar a utilização de recursos mais complexos que possam dificultar o acompanhamento da ação do leitor”.

Nesse sentido, o resgate da contação de histórias é decisivo para a formação de leitores, considerando que, as histórias são uma maneira mais significativa que a humanidade encontrou para expressar experiências, estando ligada diretamente ao imaginário, o uso dessa ferramenta incentiva não somente a imaginação, mas também o gosto e/ou o hábito da leitura e a ampliação do vocabulário. Permite também, o desenvolvimento do consciente e inconsciente infantil, desta forma, contribui satisfatoriamente, para o desenvolvimento e/ou maturidade psicológica infantil. Magalhães, (2001, p. 45), justifica:

A principal qualidade do conto é colocar o leitor diante de problemas humanos universais e oferecer-lhes, de maneira simbólica, sugestões para resolver esses problemas. Deste modo, a criança vivencia simbolicamente toda a sua problemática existencial e encontra soluções que lhe assegura a maturidade psicológica.

Para a autora, a capacidade de imaginar permite que o indivíduo desenvolva a habilidade de entendimento e compreensão de mundo, pois a vida é entendida a partir do simbólico dentro das narrativas. Significando dizer que, as histórias transmitem informações e abrangem as emoções. Para tanto, têm um papel significativo para a formação do caráter e o comportamento social, a exemplo das fábulas. Magalhães (2001, p. 47), coloca em evidência: “As fábulas são narrativas de caráter moralizante e pedagógico cujo fim manifesta a intenção deliberada de ensinar um comportamento social”.

Sintetizando, desde os tempos mais antigos e ainda hoje, as vivências e a experiência com a contação de histórias buscam exprimir o sentido da vida, explicar inquietações, transmitir valores de avós para netos, justificando a força que impulsiona o ato de contar, ouvir e recontar histórias, enquanto contribuição para formação de leitores proficientes.

## **2- VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS COM CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS**

A educação é essencial para o desenvolvimento humano por constituir-se um meio de revelação dos costumes e/ou cultura às futuras gerações. Sabe-se que durante muito tempo a função da educação era assistencialista. Hoje, porém, a superação entre o cuidar e o educar tornou-se uma exigência. Segundo Vigotski (2014, p.13):

Quanto mais a criança vir, ouvir e experimentar, quanto mais aprender e assimilar, quanto mais elementos da realidade a criança tiver à sua disposição

na sua experiência, mais importante e produtiva, em circunstâncias semelhantes, será sua atividade imaginativa.

Significando dizer que a função social da educação na contemporaneidade, deve ter em vista um ensino voltado para a valorização da fantasia intrínseca com a realidade. Diante disso, a escola deve ser compreendida como um espaço cujas vivências e experiências com a leitura e escrita sejam partilhadas de forma dinâmica e atrativa tendo como finalidade o desenvolvimento integral dos alunos.

Nesse sentido, a prática docente deve ser, sobretudo, comprometida com a vida dos alunos, isto é, prepará-los para enfrentar com competência e autonomia as várias situações do cotidiano. Em relação a essa questão uma das possibilidades é trabalhar a capacidade de saber ouvir, através da literatura infantil e, para tanto, da contação de histórias.

Ouvir histórias desperta a imaginação, pois em muitos momentos se viaja para outros lugares, estimula a curiosidade para descobrir o que se passou naquele tempo. Desde sempre, o homem contou histórias, dando vazão à sua intrínseca necessidade de comunicação, traduzindo, por meio de palavras, os acontecimentos cotidianos e as memórias transmitidas por seus ancestrais (PEREIRA; ALMEIDA, 2012). Sabe-se que a contação de histórias oral surgiu desde que o homem desenvolveu a capacidade de falar no mundo. E dessa forma, a arte de contar histórias foi evoluindo naturalmente por meio das comunidades e lugares de boca em boca.

Contudo, nem todos os indivíduos têm o hábito de contar histórias, enquanto alguns contam histórias, outros preferem apenas ouvi-las. Pode-se acrescentar que, a contação de histórias oral surgiu como forma de passar os ensinamentos de cada povo, explicar as suas vivências, crenças, mitos, conhecimentos do dia a dia para as gerações futuras e para as sociedades através da oralidade e particularmente, para preservar a cultura de seu povo.

De acordo com Busatto, 2007:

[...] E assim foi durante séculos, e continua sendo até hoje: histórias existem para serem contadas, serem ouvidas e conservarem aceso o enredo da humanidade. O contador narra para se sentir vivo, para transformar sua história pessoal numa epopéia, uma narrativa essencial. (BUSATTO, 2007, p. 17).

Com base nesse contexto, é possível afirmar que a cultura de contação de histórias ainda existe guardada na memória das pessoas em diversos lugares, onde a função é passar de uma geração para outra através da oralidade, a diversidade de conhecimentos. Para tanto, pode-se afirmar que, todas as pessoas têm o conhecimento da contação de histórias orais, seja

elas para divertir, ensinar, relembrar algo que aconteceu em outros tempos ou até mesmo para passar o tempo. Por meio da oralidade as pessoas passam suas informações e não deixa se perder no tempo. Embora compreenda que é necessário registrá-las, já que tende a se acabar.

Contar histórias para crianças enriquece o mundo e desenvolve práticas e hábitos de ouvir e recontar histórias, desperta o gosto e o prazer pela leitura. As histórias são formas de ensinar e aprender, seja elas, através de heranças literárias transmitida oralmente ou através da escrita.

Recnei (2002) afirma que, os contadores de histórias desempenham um papel muito importante para formação dos cidadãos, através das histórias são apresentadas a realidade de forma subjetiva, através da imaginação ou por medos.

Para tanto, as narrativas, muitas vezes histórias de vidas, carregadas de sensações, sentimentos, assombrações, de passagens alegres, tristes e, por vezes, modificadas, além de carregarem, também transmitem emoções. Dessas histórias, muitas dos nossos antepassados e que muitas não chegamos a conhecer, e/ou que ainda estamos longe de viver, mas que fazem parte de nossas famílias e da construção de nossa identidade, explicam de onde viemos e quem somos no meio na sociedade.

A oralidade é muito mais antiga do que a escrita, pois a escrita é uma forma artificial que foi criada para escrever as histórias que eram contadas através da oralidade. O homem conta histórias para se reconhecer, ele precisa das histórias para se sentir vivo e buscar explicações do mundo a sua volta e de onde veio.

No mundo contemporâneo, os momentos de contação de histórias orais estão mais escassos entre as famílias, talvez por falta de tempo, por que as pessoas trabalham muito, vivem na correria do dia a dia, na luta pela sobrevivência. Muitos chegam em casa cansados e não têm mais tempo para conversar com seus familiares. E para suprir as necessidades das crianças, os pais compram muitos brinquedos que ligam no botão e dão acesso a muitas tecnologias, como computadores, vídeo games, celulares, televisão, DVD, ou seja, as crianças são saciadas pelo consumismo ofertado pelos pais ou pela sociedade no geral. Por conta dessa rapidez midiática que elas vivem tudo é muito descartável e, tudo para satisfazer a falta de tempo que os pais não têm para os filhos.

Daí, as histórias orais chegam à vida das crianças, como ponto de entrada para que estas adentrem no mundo da leitura e da imaginação. As histórias abordam situações próximas de seu cotidiano, falam de famílias, diferentes culturas e épocas, dos sentimentos, das relações, alimenta a imaginação e a fantasia, e contribuem para a socialização entre as mesmas.

Pensar na contação de histórias é pensar num significativo instrumento de estímulo à leitura, no desenvolvimento da linguagem e, concomitante, num leque de oportunidades para o processo da escrita, além de despertar o senso crítico e principalmente, fazer com que a criança viaje no mundo da imaginação e criatividade.

## **2.1 - Contação de Histórias e Leitura**

Busatto (2007) afirma que histórias existem para serem contadas. É uma atividade lúdica e, por conseguinte, pedagógica, podendo estar ao alcance do professor na sala de aula como um instrumento de trabalho, isto é, um recurso importante para o aprendizado do aluno e, conseqüentemente, para a formação de leitores.

As histórias têm um papel muito importante, pois tem o poder de envolver os alunos no seu enredo. Através da contação os alunos abrem espaços para criação de imagens. Para tanto, o professor quando conta uma história, está estabelecendo uma ponte entre o leitor e o livro, criando um elo imaginário, contribuindo para aquisição da linguagem, estimulando a observação, facilitando a expressão de ideias e desenvolvendo a capacidade cognitiva de perceber o livro como um instrumento de informação. A contação de histórias deve ser aberta, ou seja, apresentar possibilidades para os alunos exporem suas vivências a partir das experiências que já têm, ajudando-os a olhar, pensar e entender o mundo com criticidade. Assim, além de apresentar o mundo, oferece aos alunos um sentimento de pertencer à cultura e a família. No mais, é um caminho viável para o aluno interagir com o mundo e sua complexidade.

O professor que conta histórias, abre as portas da imaginação, levando o aluno para um mundo maravilhoso e mágico, repleto de ternura, carinho e suspense. Portanto, ao contar uma história o professor deve conhecer bem o enredo, pois assim estará se envolvendo com o tema, vivendo-o e emocionando-se. É importante também ter uma voz clara e agradável, que se modifica de acordo com a situação e os personagens. Dosar e não exagerar na carga de emoção.

Durante muito tempo o ato de contar histórias nas escolas tem sido uma forma de entreter, distrair e relaxar, além de despertar o interesse pela leitura, porque se sabe que propicia às crianças a aquisição de conhecimentos, formação de hábitos, atitudes e habilidades necessárias para a formação leitora, social e cultural, contribuindo para o fortalecimento dos princípios no processo educacional. Segundo Recnei (2002, p.135):

O ato de leitura é um ato cultural e social. Quanto mais o professor faz uma seleção prévia da história que irá contar para as crianças, independente da idade delas, dando atenção para a inteligibilidade e riqueza do texto, para nitidez e beleza das ilustrações, ele permite as crianças construírem um sentimento de curiosidade pelo livro (revista, gibi etc.) e pela escrita.

Com base nesse contexto é importante que as histórias tenham linguagem simples, clara e de acordo com os interesses e maturidade. Devem ser uma narrativa interessante e agradável que despertem a curiosidade e a imaginação. Isso implica ministrar aulas interativas nas quais os alunos possam participar ativamente na construção do seu conhecimento, comportando-se como sujeitos desse processo.

É sabido, porém, que a leitura ocorre em muitas instituições educacionais com resultados insatisfatórios desde a infância até a universidade, o desânimo no dia a dia na sala de aula diante da leitura é notório.

Desse modo, contar-se histórias para formar leitores, fazer da diversidade cultural um fato, valorizar etnias, manter a história viva, sentir vivo, encantar e sensibilizar o ouvinte para estimular o imaginário, articular o sensível, tocar o coração, alimentar o espírito e resgatar significados para nossa existência e reativar o sagrado. (AQUINO, 2012.p.83).

Nessa visão, objetivo é fazer com que as crianças explorem o mundo à sua volta tendo conhecimento da cultura de seus familiares, mas também, de gerações passadas. Em relação à leitura, não é tão simples, pois nem sempre as noções linguísticas aparecem com clareza nas situações do cotidiano.

Conforme os PCNs (2001, p.58): “Para tornar os alunos bons leitores – para desenvolver, muito mais do que a capacidade de ler, o gosto e o compromisso com a leitura –, a escola terá de mobilizá-los internamente, pois aprender a ler (e também ler para aprender) requer esforço”.

Entende-se, que através da leitura tanto no contexto familiar como escolar, com incentivo e estratégias planejadas, a criança terá mais interesse no ato de ler, tornando a leitura um ato prazeroso servindo de alicerce para sua própria trajetória de vida.

De acordo com Freire (2013) a leitura de mundo precede a leitura da palavra, dessa forma mesmo antes de uma pessoa ser alfabetizada e aprender a decodificar, ela já sabe ler o mundo a sua volta, essa pessoa sabe ler a vida. O professor tem que valorizar a leitura de mundo que os alunos carregam consigo, pois a leitura de mundo é anterior a leitura da palavra e todos os indivíduos trazem consigo suas experiências de vida. Assim, os alunos têm suas imaginações e opiniões próprias. A leitura de mundo dos alunos retrata a cultura onde eles



estão inseridos. (FREIRE, p.47, 2013) “Um dos saberes necessário ao professor é saber que ensinar não é transferir o conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou sua construção”.

Dessa forma, o professor precisa analisar a cultura local dos mesmos que, certamente, influencia na construção da identidade, pois enquanto seres humanos são portadores de tradições culturais que passam de geração para geração.

A leitura é um testemunho oral da palavra escrita de diversos idiomas. Com a invenção da imprensa, tornou-se uma atividade extremamente importante para o homem civilizado, atendendo a múltiplas finalidades. É possível ter em mente alguém lendo jornal, revista, folheto, mas principalmente pensar em leitura de livros. Segundo Barbosa (1994, p. 141) “a escola deve se organizar em função de um novo conceito de leitura que supõe a adoção de um novo processo de aprendizagem”. A contação de histórias é, pois, uma rica e valiosa ferramenta de aprendizagem e construção do futuro leitor. Mesmo as crianças que não sabem ler convencionalmente podem fazer uma leitura por meio da escuta da leitura de uma história, a qual é uma passagem do mundo real para um mundo encantado, desenvolvendo na criança a oralidade, o aumento do vocabulário, o estímulo de gostar de ler e as habilidades cognitivas.

## **2.2 - A contação de histórias como prática pedagógica**

Ao considerar a contação de histórias como portadora de significados para a prática pedagógica, não se restringe o seu papel somente ao entendimento da linguagem. Preserva-se seu caráter literário, sua função de despertar a imaginação e sentimentos, assim como suas possibilidades de transcender a palavra.

Para tanto, a ação de contar histórias deve ser utilizada dentro da sala de aula, não somente com seu caráter lúdico, muitas vezes exercitado em momentos isolados da prática, como à hora do conto ou da leitura, mas adentrar a sala de aula, como metodologia que enriquece a prática docente, ao mesmo tempo em que promove conhecimentos e aprendizagens múltiplas, sem ter cara de aula, por entender que a literatura está presente contações de histórias.

A contação de histórias permite que as novas gerações tenham conhecimento das histórias e da cultura das gerações passadas, possibilitando, assim, que a sociedade atual tenha conhecimento da evolução histórica do processo político, social, cultural e econômico.

De acordo com Newton Duarte:

O homem ao produzir os meios para a satisfação de suas necessidades básicas de existência, ao produzir uma realidade humanizada pela sua atividade, humaniza a si próprio, na medida em que a transformação objetiva requer dele uma transformação subjetiva. (DUARTE, 1993, p.31)

Isso implica dizer que, o homem cria uma realidade daquilo que já existe e vai transformando-a para atender as suas necessidades, a partir dessa transformação que ele mesmo criou, e transforma os objetos naturais em instrumentos para servir a determinadas finalidades no interior de suas atividades humanas, e depois transforma e cria algo novo.

As palavras de DUARTE (1993) são bem oportunas para ideia de que o espaço da literatura em sala de aula, além de desvelar a obra e aprimorar percepções, também é uma maneira do homem humanizar a si próprio, de enriquecer o repertório discursivo dos alunos, sem ter medo da análise literária. Acredita-se que é estimulando as crianças a imaginar, criar, envolver-se, que se dá um grande passo para o enriquecimento e desenvolvimento da personalidade, por isso, é de suma importância o conto na sala de aula, sobretudo quando se dá vez e voz as crianças em sala de aula.

A contação de histórias como prática pedagógica além de contribuir para melhoria do desempenho escolar (aspecto objetivo) supre as necessidades afetivas e intelectuais (aspectos subjetivos), pelo contato com o conteúdo simbólico das histórias contadas, as quais consistem em ajudar os alunos a encontrar significado na vida.

### **3 - CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS**

O processo de construção deste trabalho surgiu a partir do projeto de extensão: “Educação Popular como Mobilização da Cultura de Emancipação Humana”, da Universidade Estadual da Paraíba. Esse processo ocorreu por meio de Encontros de Formação e Planejamento participativo para a construção do projeto de Educação Popular que tinha o intuito de ampliar o acesso a cultura de emancipação no desenvolvimento humano, entre outras possibilidades, por meio da contação de histórias, como prática educativa que instiga a leitura; no Centro de Integração Acadêmica/UEPB, com estudantes de graduação, e em Remígio- PB, junto ao grupo de professores envolvidos no projeto. A partir desses encontros e reuniões surgiu a ideia de construção de um encontro com a temática: “Contação de

Histórias”. Nessa perspectiva, deu-se um processo de formação junto aos estudantes de graduação que (participavam do projeto), e o grupo de professores e coordenadores pedagógicos que elaboraram encontros de formação, vivências e práticas educativas no contexto na realidade educacional.

Dessa forma, o projeto de extensão universitária representou um trabalho social entre comunidades, aliando ensino e pesquisa. Permitiu a interação entre os estudantes, visando conhecer a realidade escolar de maneira teórica e prática, com o objetivo de transformar a realidade educacional e reafirmar o compromisso social com a sociedade, superando os limites da sala de aula, por entender que é esse processo educativo, cultural e científico que articula a universidade com o ensino, a pesquisa e a extensão fazendo enriquecer a troca de conhecimentos e experiências. Segundo Severino (2007, p.35) “A extensão como mediação sistematizada de retorno dos benefícios do conhecimento à sociedade exige da comunidade universitária imaginação e competência com vistas à elaboração de projetos como canais efetivos para este retorno.”

Dessa forma, o projeto de extensão contribuiu na apropriação de conhecimentos sobre Educação Popular com estímulo ao trabalho social, o qual favoreceu a formação de uma aprendizagem coletiva e compartilhada, cuja participação permitiu um olhar emancipador, aprofundou a leitura sobre temática, além de constituir uma busca pelo conhecimento e pelo saber.

Sendo assim, este trabalho originou-se no contexto de realização do projeto de extensão, numa perspectiva de pesquisa qualitativa, participante, considerando o processo em construção, da realidade vivenciada.

De acordo com Minayo (2001, p.51):

Para se conseguir um bom trabalho de campo, há necessidade de se ter uma programação bem definida de suas fases exploratórias e de trabalho de campo propriamente dito. É no processo desse trabalho que são criados e fortalecidos os laços de amizade, bem como os compromissos firmados entre o investigador e a população investigada, proporcionando o retorno dos resultados alcançados para essa população e a visibilidade de futuras pesquisas.

O trabalho de pesquisa consistiu em fornecer bases para discussões teóricas e compreensão da realidade estudada. A pesquisa possibilitou uma aproximação com a realidade não apenas como observadora, que busca compreender uma dada realidade, mas como uma pesquisadora que deseja construir um conhecimento que sirva de subsídios para as práticas educativas junto ao cotidiano de professores, pais, mães e comunidade. Dessa forma,

buscou-se refletir sobre o que é uma pesquisa participante e, principalmente, um pesquisador participante.

Em acréscimo, a afirmação que se segue sublinha o que decorre desse processo:

A pesquisa participativa é aquela em que o pesquisador, para realizar a observação dos fenômenos, compartilha a vivência dos sujeitos pesquisados, participando, de forma sistemática e permanente, ao longo do tempo da pesquisa, das suas atividades. O pesquisador coloca-se numa postura de identificação com os pesquisados. Passa a interagir com eles em todas as situações, acompanhando todas as ações praticadas pelos sujeitos. (SEVERINO, 2007, p.120)

O autor coloca que a pesquisa participativa, traz aspectos que a caracterizam e retrata como ela é aplicada no fenômeno educacional. Nessa compreensão, a pesquisa enfatizada foi utilizada não somente como uma ferramenta de pesquisa, mas como uma postura, na compreensão de uma maneira diferente de se conceber o fazer científico. Uma de suas premissas, a considerar, consiste no fato de que o pesquisador influencia e é influenciado pelos sujeitos pesquisados, favorecendo a construção de um interessante patamar de diálogo no trabalho de campo.

Sendo assim, a escolha desse caminho favoreceu uma interação exitosa entre a entrevistadora e as entrevistadas. A destacar, a importância da pesquisa realizada por oportunizar o conhecimento de saberes acerca da criação tanto da Tapera Cultura do Barro, como, da Vila Cultural que, continuam atuantes, atraindo mobilizações culturais de repercussão em toda região. A descrição dos nomes das entrevistadas seguiu o critério preservação do anonimato, sendo substituído por nomes presentes na literatura infanto-juvenil, com intuito de estabelecer uma conexão lúdica com a temática em estudo.

Participaram desta pesquisa a coordenadora do grupo As Louceiras do Assentamento Oziel Pereira. (Optou-se por esta seleção, o fato da mesma está diretamente associada ao resgate da história e da tradição das louceiras daquela região). Para Dona Zefinha, utilizou-se como instrumento de coleta dos dados, a conversa informal; e quatro professoras da Educação Infantil que, nas suas práticas pedagógicas desenvolvem o trabalho de contação de histórias. Para estas, utilizou-se como instrumento de coleta de dados, o roteiro de entrevista elaborado com cinco perguntas subjetivas. A escolha do instrumento roteiro de entrevista deu-se por favorecer melhor interação entre a entrevistadora e as entrevistadas para coletar informações que contribuíssem para uma “boa” compreensão sobre a importância da contação de histórias para formação de leitores.

### 3.1 - Vivências da contação de história como processo historicamente construído do universo da pesquisa e análise dos resultados

A participação em vivências durante o projeto de extensão se constituiu como uma síntese através desta pesquisa. As imagens apresentadas seguem com informações advindas das conversas informais com a coordenadora do grupo das Louceiras do Assentamento Oziel Pereira, Dona Zefinha, gestoras e outras professoras. Em seguida, são apresentadas as informações adquiridas a partir de entrevistas semiestruturada, com as professoras contadoras de histórias em suas vivências e práticas pedagógicas, as quais foram confrontadas com os objetivos da pesquisa e com os pressupostos teóricos apresentados nas seções anteriores.

O estudo se deu a partir da extensão universitária e podemos dividi-lo em três eixos:

**Primeiro:** observação participante, que se constituiu de forma coletiva, através de vivências com professores em visitas, reuniões, conversas informais, na construção coletiva de eventos, entre os quais: Contação de história; Educação Popular: Construindo Saberes nos Espaços Sociais; O trem literário; Construção e exposição dos livros infanto/juvenis e no seminário de psicologia educacional;

**Segundo:** na pesquisa de referenciais teóricos, nas leituras.

**Terceiro:** nas visitas-conversas informais com Dona Zefinha, a coordenadora do grupo As Louceiras do Assentamento Oziel Pereira, na Vila Cultural e na Tapera Cultura do Barro e, entrevistas com as professoras contadoras de histórias do município de Campina Grande-PB e de Remígio-PB.

#### Formação em contação de histórias



**Imagem:** Explicação da Contação de Histórias/  
**Fonte:** Arquivo Pessoal



**Imagem:** Explicação da Contação de Histórias/  
**Fonte:** Arquivo Pessoal

Vivências realizadas pelos participantes do processo de formação em contação de histórias através de montagens de histórias contadas utilizando personagens e fantasias.

### **Educação Popular: Construindo Saberes nos Espaços Sociais**

O seminário de Educação Popular construindo saberes nos espaços sociais teve dois momentos: Círculo de Debates com palestras e vivências educativas.



**Imagem:** Círculo de Debates

**Fonte:** Arquivo Pessoal

As vivências foram construídas de forma participativa e coordenadas por educadoras/es e professoras/es, que desenvolveram as seguintes temáticas: Palavra vira Poema: um olhar sobre a Poesia Infantil, Teatro e contação de histórias, Brinquedos e Brincadeiras, Crônicas e Memórias e Lendas Remigenses.



**Imagem:** Brinquedos e Brincadeiras

**Fonte:** Arquivo Pessoal



**Imagem:** Lendas Remigenses

**Fonte:** Arquivo Pessoal

## Construção de Livros Infantis e Contação de Histórias

A construção de livros infantis surgiu em reuniões junto aos professores com grupos de discussão.



**Imagem:** Apresentação dos livros no Projeto Extensão  
**Fonte:** Arquivo Pessoal



**Imagem:** Livros exibidos em Remígio. **Fonte:** Arquivo Pessoal

## Trem Literário

O trem literário foi construído pela secretária de educação, como parte da amostra das atividades realizadas por professores envolvendo diversas temáticas literárias. O grupo de estudantes da extensão ficou responsável pela tenda dos livros infantis e contação de histórias, onde ocorreram diversas atividades de leitura, exposição de livros, desenho e pintura.



**Imagem:** Trem literário  
**Fonte:** Arquivo pessoal



**Imagem:** Trem literário  
**Fonte:** Arquivo pessoal



**Imagem:** Crianças se envolvendo no mundo da leitura

**Fonte:** Arquivo pessoal

## CONTANDO HISTÓRIAS SOBRE ARTE EM BARRO



**Nota:** Panelas de barro em Tapera Cultura do Barro em Remígio-PB. **Fonte:** Pesquisa de campo

A cultura da produção de peças de barro existe na região de Remígio-PB, desde o tempo em que os índios habitavam as terras dessa região e produziam as peças de barro. Com o passar do tempo essa cultura foi passando de geração em geração através da comunidade. Porém, existia um preconceito com as louceiras da região, principalmente com as moças, que não conseguiam namorar os rapazes das comunidades vizinhas, porque eram discriminadas e chamadas “cu de barro”. Segundo conversas informais naquele tempo também as mulheres eram quem realizavam o trabalho de construção de peças de barro.



Com o passar do tempo a tradição foi ficando esquecida, pois as pessoas idosas iam falecendo e os mais jovens não despertava o interesse por aquela cultura, visto que as peças utilitárias produzidas foram perdendo o valor comercial com a chegada do alumínio e o avanço das novas tecnologias. Diante disso, surgiu a necessidade de fazer um resgate da história e da cultura das louceiras daquela região, principalmente da comunidade Chã da Pia, vizinha ao assentamento Oziel Pereira.

A ideia era despertar o interesse dos jovens pelo artesanato do barro local. Realizaram uma pesquisa e, foi daí que surgiu a ideia de produção de linha de peças decorativas. Hoje o grupo é formado por dez pessoas, sendo dois adultos que repassam as técnicas de produção de peças utilitárias e decorativas. Essas peças retratam a realidade do local como cactos, árvores e animais. As respectivas peças estão sendo comercializadas também, na própria localidade, na “Tapera artesanato”, na Vila Cultural da cidade, nas feiras de artesanato, visitas, intercâmbios e eventos de turismo.

Daí foi inserida a contação de história considerando a ligação entre realidades, fantasias e sonhos a partir do resgate de uma cultura vivenciada na região.

Observou-se que enquanto alguns fabricam as peças, outros pintam e quando eles vendem as peças divide o lucro entre todos. O grupo sempre se reúne três vezes por semana, nas segundas, terças e quartas-feiras e não trabalham individualmente. Conforme imagens comprobatórias, a sede as Louceiras já virou ponto turístico e lá mesmo se pode comprar panela de barro e/ou também outras peças, como conjunto de chá, travessas, pratos, inclusive peças decorativas.

A técnica é passada de geração em geração de fato impressiona. Depois de ganhar forma, as peças são cozidas e tingidas e/ou pintadas. Dessa forma, o grupo mantém viva a tradição e recebem a visita de turistas curiosos para conhecer a técnica indígena que desde 2005 dão forma à argila contribuindo para comercialização, divulgação e valorização da Cultura da Terra.

## **VILA CULTURAL**

A visita no espaço da Vila Cultural de Remígio- Pb possibilitou a compreensão da relação entre as histórias de vida e o trabalho artesanal, a exemplo de confecções de bonecas de pano, couro, barro, baú e entre tantas outras expressões subjetivas em arte concreta.



**Nota:** Pesquisa realizada junto a Vila Cultural de Remígio- PB. Pesquisadora: Josicleide



**Nota:** Bonecas de pano na Vila Cultural de Remígio-PB Fonte: Pesquisa de campo realizada em junho/2017

Historicamente, os bonecos e bonecas fazem parte das brincadeiras infantis e representam o conceito que a sociedade tem da infância. São portadores de significados e valores culturais que revelam discursos, concepções e representações de determinada sociedade e cultura. Portanto, são artefatos culturais que estão articulados a um conjunto de práticas sociais e culturais, pois representam um determinado grupo de pessoas, certos lugares e diferentes identidades ou perfis sociais.

A expressão da arte e da cultura popular envolve a criação de uma diversidade de bonecos e bonecas de pano e demais artefatos culturais voltados para o público infantil e adulto.

As bonecas são construídas de pedaços de panos que se transformam em uma obra de arte envolvendo as brincadeiras, histórias da imaginação infantil enraizada na cultura. Cada objeto carrega a história da ancestralidade cultural de um povo, através da sua criatividade em objetos concretos. A relação entre fantasia e realidade no primeiro momento aparece como completamente antagônica, entretanto, a fantasia vai ser a raiz para qualquer criação ou invenção humana. “A formação de uma personalidade criativa, projetada para o futuro, prepara-se através da imaginação criativa materializada no presente” (VIGOTSKI, 2014, p.112).

### **3.1.1 A Cultura de Contação de Histórias**

Para coletar os dados junto às quatro professoras, contadoras de histórias foi utilizado um roteiro de entrevistas semi-estruturados, elaborado com cinco perguntas subjetivas, conforme consta no anexo. De posse das respostas foi feita uma apreciação de tais práticas têm contribuído para a formação de leitores. Para tanto, a análise se deu a partir das seções a seguir, quanto à denominação dada para os nomes das contadoras entrevistadas deu-se a partir de expressões lúdicas, ou seja, nomes fantasiosos de histórias infantis.

### 3.1.2 - A contação de história na vida das professoras contadoras

Ao serem questionadas acerca de como foi se constituindo o processo de contação de histórias em suas vidas, obteve-se as seguintes falas:

**Cabelo de Lelê:** “Na minha infância, aos finais de semana ou férias, sempre ia à casa da minha avó e ela me contava histórias antes de dormir. Nasceu daí a minha paixão pelo mundo encantado do faz de contas”.

**Menina Bonita do Laço de Fita:** “Meu pai gostava muito de cordéis. Daí meu primo todas as noites após o jantar, vinha ler para nós ouvirmos numa mesa redonda e aquilo me encantava muito”.

**Bonequinha Preta:** “Sim! Foi através de membros da minha família que descobri o sonho de viver o imaginário jamais conhecido. Minha tia paterna me apresentou a contação oral. A partir dela pude conhecer a contação de histórias criada naquele momento, pois eu era quem determinava o que eu gostava de ouvir: Se o conto de cadeiras que tinha três pernas, se o cachorro que imaginava ser gente, se a lua que beijava o sol enquanto todos dormiam e, assim ela inventava e reinventava histórias que me conduzia ao imaginário dos seus contos. Lá era tudo muito colorido e a felicidade sempre encontrava um jeito de se firmar aonde fosse preciso. Meu pai me apresentou a literatura escrita onde eu viajava nas letras grandes, nas imagens que ilustravam os acontecimentos e no colorido que me permitia sentir várias sensações”.

**Dona Baratinha:** “Através do gosto pela literatura, e o incentivo veio por parte da minha família na infância. Por eu ser uma criança com dislexia, a minha família sempre contava histórias. E isso despertou em mim, o gosto por histórias.”

De acordo com as falas apresentadas, podemos constatar que, todas as professoras entrevistadas tiveram uma vivência infantil junto a conhecimentos de narrativas orais, em histórias contadas por familiares, isso pode está na raiz da afinidade em contar histórias presentes na vida atual.

Sendo assim, é possível considerar que a participação da família enquanto mediadores da contação de histórias podem transformar a leitura em um momento prazeroso para as crianças podendo ser a chave para a formação de jovens e adultos leitores.

Abramovich(2004, p.16), trata sobre a importância das histórias: “Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser um leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo”. De acordo com a fala da autora, pode-se inferir que a narração oral proporciona um contexto rico que depois levará a criança a ter interesse pelos livros, pois através das histórias ela terá o prazer de ler pelo prazer de entrar nas imagens e no conhecimento que a língua apresenta. As imagens dos contos contam a história das pessoas de todos os tempos e lugares. As imagens entram em contato com qualidades essenciais dentro do pensamento da criança. Histórias são uma parte vital da educação moral de uma criança.

Assim, a leitura não pode ser encarada como uma obrigação. Certamente, a participação da família ou parceiros de histórias contadas, pode ser decisiva no processo de formação de leitores. A criança estimulada a encontrar o livro desde cedo tem uma relação prazerosa com a leitura.

### 3.1.3 - Desenvolvimento do trabalho de contação de histórias

Em relação como as entrevistadas desenvolvem o trabalho de contação de histórias, em suas realidades, responderam:

**Cabelo de Lelê:** “A partir de pesquisas, leitura para escolher a história a ser contada. Daí treino a leitura da história e me organizo para a construção do cenário e personagens. Utilizo trajes diferentes ou simplesmente um acessório a mais, fazendo com que este momento seja repleto de novidades”.

**Menina Bonita do Laço de Fita:** “Ainda estou estudando, pois tudo é um processo. Pesquiso as técnicas na internet, livros, isto é, como contar as histórias para determinada faixa etária”.

**Bonequinha Preta:** “A princípio, quando tenho condições, monto o cenário da história e depois os personagens que irão participar, também procuro acomodar todos confortavelmente e daí então incorporo a história de modo que procuro tornar real aquele momento único”.

**Dona Baratinha:**“A contação de histórias é realizada em forma de teatro e utilização de instrumentos para o momento da contação como livros, fantoches, vestes, violino e flautas. Um dos meus contos favoritos é Chapeuzinho Vermelho. Tenho pouca bagagem de contação de histórias, mas crio estratégias como músicas de cantigas de roda, uso o livro, corpo e bonecos”.

Considerando as falas apresentadas pode-se inferir que na escola se conta histórias para abordar um assunto específico, mas, nesse caso, é preciso ser criterioso, pois essa prática não pode trazer didática tradicional para o campo da contação de histórias, pois a tornaria utilitarista e mecânica perdendo a beleza e a ludicidade da vivência. Pode-se contar histórias quando se quer tornar sensível um grupo, aproximar pessoas com um mesmo objetivo, ou que frequentem um mesmo espaço, pois através das histórias as pessoas se identificam e se abrem para ouvir e compartilhar particularidades.

Muitos teóricos tratam da importância de textos literários na sala de aula. Abramovich (2004, p.140) Diz:

A literatura infanto-juvenil foi incorporada à escola e, assim, imagina-se que – por decreto – todas as crianças passarão a ler... Até poderia ser verdade, se essa leitura não viesse acompanhada da noção de dever, de tarefa a ser cumprida, mas sim de prazer, de deleite, de descoberta, de encantamento.

Neste sentido, a contação de histórias como participante da prática pedagógica não deve, de forma alguma, desconfigurar sua função de transmitir prazer, descoberta, encantamento. Aliás, acredita-se que o caráter artístico da narração de histórias pode servir de elo no processo de ensino e aprendizagem. Portanto, pode auxiliar a prática sem perder seu valor estético e artístico. Quanto mais o aluno ouvir histórias, mais aprende e assimila. Quanto mais elementos da realidade o aluno tiver a sua disposição, mais rica será sua capacidade imaginativa.

As histórias são sempre um momento de prazer, de lazer, de reflexão, entretanto elas também podem provocar sensações de medo, opressão, tristeza, sofrimento. Nesse contexto as histórias dependem da intencionalidade da forma que são abordadas e das questões que trazem fantasias e emoções.

O contador de histórias precisa ter sempre em mente o que pretende e quais passos irá seguir para a realização. As professoras entrevistadas deixam evidente que o planejamento não é fechado, mas aberto a emoções e fantasias presentes no contexto da realidade vivenciada. É imprescindível a pesquisa a leitura e a vivência com as histórias, destacam as

professoras, considerando o exercício do pensamento, mas principalmente a entrega a emoção e ao sentimento, ao universo profundo de conexão com a história contada.

### 3.1.4 - Histórias mais significativas nas vivências e práticas educativas

As histórias mais significativas nas práticas das professoras entrevistadas são:

**Cabelo de Lelê:** “As histórias que contemplam o universo infantil”.

**Menina Bonita do Laço de Fita:** “Não me via muito como contadora de histórias, mas fazia isso sem me dar conta e, a partir do Programa PNAIC (Pacto Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa) do qual participei, que trabalha muito com sequências didáticas voltadas para um ensino a partir das histórias infantis, a exemplo de Cachinhos Dourados, o três porquinhos, entre outras, fiquei mais motivada”.

**Bonequinha Preta:** “O Clássico Chapeuzinho Vermelho por revelar as consequências da teimosia e o famoso conto de Peter Pan, onde enfatiza as consequências das boas ou más relações entre amigos”.

**Dona Baratinha:** “As contações são reconstruções diárias, pois faço avaliações se deu certo ou errado e o que é preciso melhorar. Me junto com o rapaz para ensaiar as músicas e os sons. Meus contos favoritos são: Chapeuzinho Vermelho; Caracol de Mery França; O velho do saco; O menino e a coca”.

As histórias tornam-se poderosas quando saem dos lábios de um contador. E para que isso aconteça, a pessoa interessada em contação de histórias tem que estar preparada, estudar muito, conhecer seu público, acreditar naquilo que está contando, aprimorar-se constantemente através de cursos, oficinas e da observação de outros profissionais da área que atuam nos mais diferentes espaços. Essa visão ficou transparente na concepção da “Menina Bonita do Laço de Fita”, quando expressou sua motivação mais aguçada a partir da sua participação no PNAIC (Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa). Nessa visão, “Os contadores de histórias que trabalham utilizando os contos como instrumento, sabe sobre a importância de se contar e ouvir histórias e conhecem o fascínio que exercem em seu público.”(GIORDANO,2013,p.5).

Dessa forma, cada um, depois que tiver claro o que deseja do ato de contar histórias, vai criar o seu perfil, aprimorar a sua habilidade e irá encantar de uma maneira só sua, principalmente, o universo infantil.

Tem se apresentado na realidade das entrevistadas utilização de instrumentos musicais em forma e teatro. Como assegura Vigotsky:

A criatividade teatral ou a dramatização é o que mais se aproxima da criatividade literária da criança. Juntamente com a criatividade verbal, a dramatização ou a representação teatral é o gênero mais frequente e comum da criação artística infantil. (VIGOTSKY, 2014.p.87)

Sendo assim, a criança a partir da imaginação representa elementos de suas experiências vivenciadas dentro do contexto a qual está inserida, usando a percepção "mágica" desejando mudar a realidade, constrói o sonho e senso crítico.

### **3.1.5 - Quanto as implicações da cultura de contação de histórias traz para o desenvolvimento e compreensão do mundo que cerca a subjetividade do aluna/o**

**Cabelo de Lelê:** “A cultura da contação de história favorece significativamente a construção da personalidade, como também, na formação de um indivíduo crítico, responsável e atuante na sociedade. Neste sentido, o papel do educador é de assumir um compromisso com o livro, criando o hábito de contar histórias e despertando a curiosidade das crianças.

**Menina Bonita do Laço de Fita:** “As histórias influenciam muito na forma da criança perceber o mundo, porque através das histórias elas se veem em determinadas situações, isto é, influenciam diretamente na subjetividade da criança, por isso temos que ter muito cuidado com o tipo de história que iremos contar para a criança”.

**Bonequinha Preta:** “Além de desenvolver a atenção, a criticidade inerente de cada indivíduo, a questão do aprender a ouvir para tirar as suas conclusões, o aluno adquire a capacidade de abstração frente a uma história que pode ou não se tornar veículo de aprendizagem ou ser meramente parte de um momento de descontração, o que não tira a beleza do momento em si. É com a ludicidade que, muitas vezes, a interação acontece mais harmônica e compartilhada, uma vez que, ali, todos participam de um cenário onde todos podemos assumir o papel de co-autores de um grande momento”.

**Dona Baratinha:** “Através das vivências do mundo da literatura, da fruição das situações e momentos que aprendemos a viver a realidade do mundo. Ex: através do conto da Chapeuzinho Vermelho, me salvei com 9 anos de idade. Pois tinha um homem em um beco

na rua, que estava sempre a me observar e um dia ele tentou me pegar e foi aí que corri com medo dele , pois para mim ele era o lobo mal .”

A partir dessas afirmativas é possível considerar que a literatura e, mais especificamente a contação de histórias pode despertar uma nova relação frente às sensações presentes no mundo do sujeito, sejam elas, reais ou imaginárias, “Ao ler uma história a criança também desenvolve todo um potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar”ABRAMOVICH(2004,p.143). Esta situação é evidenciada no caso citado em que Dona Baratinha utiliza-se da contação da história da Chapeuzinho Vermelho para resolver uma determinada situação no seu cotidiano.

As histórias apresentam possibilidades de descobrir o mundo real dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivem e atravessam, de um jeito ou de outro, através dos problemas que vão sendo encarados, resolvidos ou não.

“Cabelo de Lelê” fala sobre a importância do educador assumir compromisso com o livro, com a intenção de promover o hábito da contação de histórias.

As professoras demonstram que as histórias contadas tocam as subjetividades das crianças, com implicações na ampliação do universo cultural, na capacidade de abstração e no enfrentamento da realidade. Por meio das narrativas, as crianças pensam e agem envolvendo um mundo imaginário, além do que é posto em seu cotidiano concreto.

Segundo “Cabelo de Lelê“ a formação de leitores acontece no dia a dia quando a criança interage, de forma eficiente, com as histórias que ouve e lê”, sendo assim, é primordial inserir a contação de histórias como prática pedagógica, com intuito de despertar o gosto pela leitura. Visto que cria a possibilidade de uma interação capaz de abrir uma possibilidade de pertencimento ao mundo imaginário, que neste caso lhe inclui, seja através da escuta ou do envolvimento nessa atividade como sujeito que conta, que ouve, que sente e que acima de tudo existe diante de alguém que dedicou seu tempo de vida por meio de uma contação de história.

Nesse sentido, as crianças que desde cedo têm contato com a cultura da contação de histórias, adquirem mais confiança e sentem-se capazes de criar e refletir. Apresentarão uma melhor compreensão de mundo e de si mesmo, terão o privilégio de desenvolver seu potencial intelectual e cognitivo, ampliando, ao mesmo tempo, a sua visão das regras e da cultura que compõem a sociedade. Como nos assevera Brandão:

Somos seres humanos, o que aprendemos na e da cultura de quem somos e de que participamos. Algo que cerca e enreda e vai da língua que falamos ao amor que praticamos, e da comida que comemos à filosofia de vida com que



atribuímos sentidos ao mundo, à fala, ao amor, à comida, ao saber, à educação e a nós próprios. (BRANDÃO, 2002, p. 141).

Embora a contação de história seja trabalhada no segmento da educação infantil, isso não implica que a mesma é de uso exclusivo dessa etapa de ensino, pode ser ampliada para outros níveis escolares, comunidade, ou seja, ocorrer dentro e fora da escola, podendo assumir uma conotação opressora ou contenção de adaptação de autonomia e emancipação humana.

### 3.1.6 Relação entre contação de histórias e formação de leitores

Sobre a existência de alguma relação entre contação de histórias e formação de leitores as entrevistadas disseram o seguinte:

**Cabelo de Lelê:** “A leitura é um estímulo para desenvolver a capacidade crítica de interpretação e interação social, oferecendo, assim, um contato com o mundo imaginário. As histórias infantis nos levam para um mundo imaginário, desperta a curiosidade. A visão de mundo apresentada nas histórias está em consonância com a forma de se ver o mundo. Assim, a contação de histórias desenvolve o automatismo da leitura rápida e da compreensão do texto. Na minha prática utilizo cenários, fantoches, livros literários, cantinho da leitura, mala da leitura, sequências didáticas literárias e história deleite. Sempre despertando nas crianças o gosto pela leitura. Dessa forma a criança participa ativamente e desperta nelas curiosidades sobre o que viu e ouviu, fazendo com que se sinta estimulada a ler a própria história da contação. “Assim, a formação de leitores acontece no dia a dia quando a criança interage, de forma eficiente, com as histórias que ouve e lê.”

**Menina Bonita do Laço de Fita:** “Ao contar histórias pela história, pelo encantamento, histórias que tratam sobre questões sociais, deixando de lado a didática, podem sim, favorecer o gosto pela leitura”.

**Bonequinha Preta:** “Sem dúvida. Contar história é passar o fato em sua totalidade para quem ouve. A criança que ouve história é forçada naturalmente a querer saber de outras, e outras e outras, e quase sempre o contador de história não estar presente para cumprir com o seu papel. É como viajar no mundo de outros mundos. (Refiro-me as "mentes" dos personagens e ao enredo). Eu só encontro uma maneira: se tornar leitor é ser o próprio capitão do seu navio”. Na minha prática faço utilização de sequências didáticas, momentos de contação, cantinho da leitura e incentivo as crianças a ler todos os dias levando livros de literatura para ler em casa com o apoio dos familiares.

**Dona Baratinha:** “Sim! A contação de histórias salva as crianças. Desperta o gosto pela leitura e forma crianças leitoras.”

A contação de histórias é um dos meios mais eficazes de desenvolvimento organizado no trabalho da linguagem e na formação de leitores, pois a literatura toca as subjetividades humanas, sendo assim, a contação de história cria leitores, possibilidades: desperta a fascinação, o imaginário e a curiosidade. As professoras entrevistadas consideraram a narração de histórias como uma das atividades fundamentais para o processo de formação de leitores. Segundo JUNIOR ALMEIDA:

A leitura nos proporciona o conhecimento; a realidade só se apresenta integralmente por meio da leitura; a leitura, assim como a escrita, é a expressão máxima da inventividade, da criatividade e da intelectualidade do homem; a leitura nos leva a uma viagem pelo imaginário. Ler é se apropriar do acervo de conhecimentos e experiências da humanidade; a leitura é a fruição do belo, da estética; ler é nutrir-se da memória do homem; [...] (JUNIOR, 2007.p.33)

Nessa perspectiva, temos na leitura as possibilidades de desenvolvimento da imaginação, da apropriação do conhecimento, das tradições e da apreciação do mundo. A cultura de contação de histórias contribui para formação de leitores por que está aliada e, por conseguinte por nutrir o intelecto humano.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Voltando a questão inicial: como a Cultura de Contação de Histórias contribui para a formação de leitores? Verifica-se que a partir deste estudo que a cultura de contação de história cria a possibilidade de ampliação do universo imaginativo, dentro e fora da escola, que encanta crianças, pais e a comunidade escolar. Nessa perspectiva a contação de histórias como uma das formas de expressão cultural, junto com a música e o teatro pode criar um cenário capaz de envolver a comunidade escolar num processo participativo, com perspectiva de emancipação humana. Acredita-se ser necessário que a prática da contação de histórias ocorra desde a mais tenra idade, e deve ser incentivada no âmbito escolar para proporcionar o desenvolvimento intelectual, cognitivo e afetivo. A literatura infantil tem um papel primordial no desenvolvimento do indivíduo, possibilitando-o ter a oportunidade de ampliar, transformar e enriquecer sua experiência de vida. Desta forma, deve servir não somente como instrumento didático, mas, sobretudo, como forma de contribuir para a formação de leitores e para o desenvolvimento dos alunos. Entende-se que o professor deve proporcionar momentos em que os alunos sintam prazer ao estar em contato com as histórias. Por isso, ele deve planejar, organizar, construir e se necessário reconstruir suas práticas para que os resultados sejam significativos. Sendo assim, é fundamental o engajamento do professor com a contação de histórias, pois será aquele que fará a mediação entre as crianças e a literatura e fará com que o interesse pela leitura seja despertado, a leitura espontânea e crítica. Assim, o professor, ao fazer o uso da contação de histórias, deve estar atento se a idade das crianças é compatível com a história, se o ambiente está organizado, deve perceber se há interesse pela história escolhida e também quais recursos poderão despertar a imaginação e o interesse das crianças e dos participantes. Por fim, a contação de histórias deve ser uma atividade que envolva sentimentos, emoções e aprendizagens, criando a possibilidade da crítica, criatividade, imaginação, que pode implicar na formação de leitores. Sendo assim, a constituição da subjetividade de contadoras/es de história e futuros leitores se evidencia nas vivências e saberes que tocam a vida do sujeito ao longo de sua história.

Mesmo com a priorização da tradição escrita, a educação precisa envolver a profunda ligação entre a oralidade, a leitura e a escrita na totalidade do desenvolvimento do sujeito e da sociedade. Nesse sentido, não há um determinismo objetivo: não afirmamos que a contação de histórias cria leitores. A contação de histórias cria sim, possibilidades de formação de leitores.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: Gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 2004.
- AQUINO, Kenia Adriana de. **O Nascimento do Leitor. Ler, Contar e Ouvir Histórias na Educação Infantil**. Jundiaí, SP: Paco Editorial; Boa Esperança, MT: EDUFMT, 2012.
- BAMBERGER, R. **Como incentivar o hábito de leitura**. 3 ed. São Paulo: Ática, 1987.
- BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e Leitura**. São Paulo: Cortez, 1994.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação como cultura**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF. 2002.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa / Secretaria da Educação Fundamental**. 3 ed. – Brasília: MEC/SEF, 2001, 144p.
- BURKE, Peter. **Cultura popular na idade moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- COUTO, Mia. **A tribo de contadores de histórias**. In: Entrevista concedida a Paulo Hebmüller/Brasileiros - 21.12.2016.
- COSSON, RILDO. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.
- DUARTE, Newton. **A individualidade para si**. Campinas, SP: Autores Associados, 1993.

ESTÉS, Clarissa P. **Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem.** Tradução de Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Cortez, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIORDANO, Alessandra. **A arte de contar histórias e o conto de tradição oral em práticas educativas**[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-69542013000100004](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542013000100004)/Acessado em 10/11/2017 às 17h50min.

JÚNIOR, Osvaldo Francisco de Almeida. **Leitura, Mediação e Apropriação da Informação.** IN: SANTOS, Jussara Pereira (ORG.) Rio de Janeiro: Fundação de Biblioteca Nacional 2007.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios. **Literatura infantil: a fantasia e o domínio do real.** Teresina: UFPI, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 19 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

PEREIRA, Marciane Aparecida Costa Silva e ALMEIDA, Cecília Barreto. **Contação de histórias: sabedoria e identidade cultural do campo.** Montes Claros: Unimontes, 2012.

PINTO, Álvaro Vieira. **Ciência e existência: problemas filosóficos da pesquisa científica.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura.** São Paulo: Brasiliense, 2008.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

VIGOTSKI, L.S. **Imaginação e criatividade na infância**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

## **ANEXO**

## **ROTEIRO PARA ENTREVISTA**

1. Como foi se constituindo o processo de contação de história na sua vida?
2. Como você desenvolve o trabalho de contação de histórias?
3. Quais histórias você considera mais significativa nas suas vivências e práticas educativas?
4. Que implicações a cultura de contação de histórias traz para o desenvolvimento e compreensão do mundo que cerca a subjetividade do aluno/a?
5. Existe alguma relação entre contação de histórias e formação de leitores?